

Taxa de embarque é a maior

**Heloisa Magalhães, Rosana Hessel e
Vicente Vilardaga**
do Rio e de São Paulo

As viagens para os países do Mercosul ficarão em alguns casos até 40% mais caras por conta do aumento da taxa de embarque das viagens internacionais. E os visitantes estrangeiros que vierem ao Brasil terão que pagar a taxa de embarque mais cara do mundo — cinco ou seis vezes mais alta que a de seus países. O aumento, estabelecido ontem no “pacote” fiscal do governo federal, de US\$ 18 para US\$ 90, começa a vigorar em janeiro do ano que vem.

“O valor é absurdo e só espero que a nova taxa não seja cobrada indefinidamente, como costuma acontecer no Brasil”, afirma Leonel Rossi, diretor da Decatur e presidente regional da Associação Brasileira das Agências de Viagens (Abav-SP). “Ela só é aceitável se for provisória”.

Uma família de quatro pessoas que viajar de avião para Buenos Aires, por exemplo, pagará so-

mente em taxas de embarque (US\$ 360) o equivalente a uma quinta passagem. A Varig cobra cerca de US\$ 300 por uma viagem do Rio de Janeiro para a capital argentina. O preço de novembro da Transbrasil, com uma estadia mínima de dois dias e saída de São Paulo, é de US\$ 334.

Para embarcar de volta ao Brasil no aeroporto portenho de Ezeiza (BA), a mesma família pagaria US\$ 52 de taxas. No Aeroporto de Miami, a tarifa por passageiro é de US\$ 23. E em Heathrow, em Londres, US\$ 22,05. A nova tarifa, segundo tabela divulgada pela Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero), é 3,5 vezes mais cara que a da Grécia, que vinha

sendo a mais alta do mundo. E onze vezes mais cara que a do Paraguai, de US\$ 8.

A Infraero registrou o embarque de 4,8 milhões de pessoas para o exterior em 1996, e a estimativa é de que, neste ano, o número salte para 5,5 milhões. O movimento total nos 67 aeroportos que administra foi de 50 milhões de passageiros. O repasse dos US\$ 72 adicionais da nova taxa pela Infraero, aos cofres do Tesouro Nacional, deverá somar US\$ 500 milhões em 1998, segundo estimativas do governo federal. Isto representa quase a metade da arrecadação bruta da estatal em 1996, de US\$ 1,2 bilhão, e 55% da receita esperada por uma outra medida anunciada ontem no “pacote” fiscal — o aumento do IPI para automóveis e bebidas.

O aumento de 400% das taxas de embarque não deverá impactar negativamente a vendas de passagens e “pacotes” turísticos no final do ano. A imensa maioria dos “pacotes” — cerca de 80% — já foi vendida, segundo Rossi. Operadores e agências consideram improvável uma queda na demanda para o período de alta estação, que começa em dezembro e vai até fevereiro.

Um “pacote” de uma semana para o fim do ano em Nova York ou Cancun sai em torno de US\$ 2 mil. “O aumento representa cerca de 3% do que o turista brasileiro pretende gastar com a viagem e, portanto, não terá um impacto negativo”, diz Ramiro Tojal, presidente do Sindicato Nacional das Empresas Aéreas (Snea).

Para a Varig, o efeito das novas medidas sobre as viagens para o hemisfério Norte será pequeno, já que se tratam de viagens mais caras e planejadas com antecedência, permitindo que a taxa acabe embutida no valor total do passeio. É a mesma interpretação da Soletur, que garante 40% de seu faturamento com os “pacotes” para o exterior. Sua receita total somou US\$ 300 milhões, em 1996, e deve crescer 20%, este ano.

A TAM - Companhia de Investimentos em Transportes demonstrou uma certa preocupação com os vôos realizados pela TAM Mercosul e TAM Meridional. As duas empresas da “holding” têm uma malha que foi reestruturada recentemente para atender o Mercosul. “Espero que o governo pense em uma tarifa diferenciada para o Mercosul”, disse Tojal. ■